

LITERATURA, HOMOAFETIVIDADE E RESPEITO: UMA LEITURA DO CONTO *AQUELES DOIS*, DE CAIO FERNANDO ABREU

Fernanda de ANDRADE¹
Elerson Cestaro REMUNDINI²
Adalberto de Oliveira SOUZA³

Resumo: Pode a literatura ser um instrumento de luta contra o preconceito, ao denunciar as coerções humanas em sociedade? Tal questionamento coaduna-se ao desiderato do presente trabalho, locado no grupo de estudos “Identidade e sujeito(s) nas literaturas de língua portuguesa” (CNPQ) e no Projeto de Pesquisa “Da modernidade à pós-modernidade”. Analisa-se como a homoafetividade é representada no conto *Aqueles dois*, presente no livro *Morangos Mofados* (1982), do escritor Caio Fernando Abreu, que é possuidor de uma escrita característica por tematizar a diversidade sexual e romper paradigmas discriminatórios. Com a utilização de postulados de teóricos que discutem a sexualidade, como os de Michel Foucault, e de conceitos da teoria literária, identificou-se que tal texto é um potente meio de reflexão social.

Palavras-chave: Homoafetividade; literatura; representação.

1. O escritor Caio Fernando Abreu: uma introdução

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu em 1948 na cidade de Santiago no Rio Grande do Sul e faleceu em 1996. Jornalista, dramaturgo e escritor foi considerado um dos expoentes de sua geração, a de escritores e artistas que começou a criar nos anos 1960 e a se destacar publicamente na década de 1970, como aponta Ellen Dias (2006). A idéia de vanguarda, experimentação e ineditismo era muito forte no horizonte da cultura. Sua obra abordava temas como sexo, medo da morte e da solidão. Conseguia apresentar uma visão dramática do mundo moderno, e recebeu o título de “fotógrafo da fragmentação contemporânea” (DIAS, 2006, p. 25).

Como demonstra Jeanne Callegari (2008), trata-se de um escritor de amplo envolvimento artístico no trabalho com a cultura. Estudou Letras e Artes Cênicas na

¹ Fernanda de Andrade (Mestranda em Letras UEM)
e-mail: fmetamorfose@gmail.com

² Elerson Cestaro Remundini (Mestrando em Letras UEM)
e-mail: cestaromim@hotmail.com

³ Dr. Adalberto de Oliveira Souza (Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras UEM)
e-mail: adalberto@teracom.com.br



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porém, abandonou ambos os cursos para trabalhar como jornalista de revistas de entretenimento, tais como *Nova*, *Manchete* e *Veja*, além de colaborar com os jornais *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Em 1968, perseguido pelo *Departamento de Ordem Política e Social* (DOPS), refugiou-se no sítio de uma amiga, a escritora Hilda Hilst, em Campinas, São Paulo. No início da década de 1970, exilou-se por um ano na Europa, morando, respectivamente, na Espanha, na Suécia, nos Países Baixos, na Inglaterra e na França. Quatro anos depois, regressou a Porto Alegre. Em 1983, mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1985, para São Paulo. A convite da Casa dos Escritores Estrangeiros voltou à França em 1994. Retornou ao Brasil no mesmo ano, quando tomou conhecimento de que era portador do vírus HIV, tal como ainda assevera Jeanne Callegari (2008). Antes de falecer, dois anos depois, dedicou-se a tarefas como jardinagem, cuidando de roseiras. Morreu no mesmo dia que Mário de Andrade: 25 de fevereiro.

Deixou obras ímpares como o romance *Limite Branco* (1971) e os livros de contos *O Ovo Apunhalado* (1975), *Morangos Mofados* (1982) e *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (1988). De acordo com Ellen Dias (2006), é possuidor de uma escrita ousada e característica, não somente porque amalgamada à poeticidade, ao lirismo e à crítica social, mas, sobretudo por imergir ao universo homoerótico, de seus dramas e conflitos peculiares. Contudo, sob o olhar de um intimismo inquieto e libertariamente pós-moderno, não interessou a Caio Fernando Abreu reproduzir a carga externa e arraigada de estereótipos referentes à homossexualidade masculina, como afetação e/ou efeminação. Sua investigação foi interna, no sentido de que as personagens homossexuais são revestidas de um quinhão inegável de humanidade, de altivez e de sofrimento, como se verá pelo texto em estudo. Propõe-se tal leitura para o conto *Aqueles Dois*, presente em *Morangos Mofados*, utilizando os postulados de teóricos, que discutem a sexualidade, como os de Michel Foucault, e conceitos da teoria literária. Trata-se de uma proposta que visa a identificar o texto literário como um potente meio de reflexão social e coaduna-se ao desiderato do grupo de estudos “Identidade e sujeito(s) nas literaturas de língua portuguesa” (CNPQ) e do Projeto de Pesquisa “Da modernidade à pós-modernidade”, como resultado parcial.

2. A tradição da representação do homoerotismo na literatura

O texto literário contemporâneo não constitui o espaço exclusivo para discutir a ótica do outro diferente e estranho, do não aceito. Isso sempre foi demanda e privilégio da literatura ao longo de sua história, fundamentalmente, em relação à sexualidade. Há possibilidade de mostrar aquilo o que a natureza humana recalca, o que a sociedade reprime expressamente e, muitas vezes, uma insurreição contra um padrão arbitrário de “normalidade”. Essa tradição da literatura, de ora mostrar, de ora denunciar, é antiqüíssima, tal como revela Mára Faury, em seu livro *Uma flor para os malditos: a homossexualidade na literatura* (1983). Segundo a autora (1983, p. 79), o homoerotismo apresenta-se, literariamente, já na *Odisséia*, de Homero, com o suposto amor entre Aquiles e Pátroclo. Quando esse último é morto por Heitor, Aquiles o assassina e rechaça os inimigos na ânsia de vingança. Por sua vez, nO *Banquete*, de Platão, diversos pensadores discutem sobre o tema do amor e a relação entre os homens é considerada. Dos discursos dessa obra, o de Fedro, o de Pausianais, o de Aristófanes, o de Sócrates, o de Diotime e o de Alcebíades apresentam uma “teoria sobre como os homens devem se amar entre si” (FAURY, 1983, p. 82).

O homoerotismo aparece ainda na *Divina Comédia* (início do século XIV), de Dante Alighiere, mesmo diante das ostensivas proibições religiosas do período medieval, que o rotulavam como prática pecaminosa. Ademais, o tema estaria presente nos romances históricos, como parte das histórias de alcova das famílias reinantes. No romance *Angélica, marquesa dos Anjos*, de Anne e Serge Golon, por exemplo, Luís XIV possui um irmão que “ama os homens” e é retratado como o protótipo do afeminado, “rosto de boneca mergulhado em rendas, voz amaneirada, mais astuto do que uma mulher, sorriso de coquete” (FAURY, 1983, p. 88).

No Brasil, por sua vez, a representação do homoerotismo parte da seara de escritores como Raul Pompéia, em *O Ateneu* (1888), que desmascara a tensão homossexual e os abusos entre os alunos do internato. Em *O Cortiço* (1890), sob a ótica naturalista, haveria o destaque para Albino, o lavadeiro homossexual, afeminado e com mania de limpeza. Com a publicação de *Bom-Crioulo* (1895), do cearense Adolfo Caminha, tem-se uma audácia que custa ao autor o silêncio dos críticos sobre o restante de sua obra. O livro narra o namoro entre dois marinheiros, um deles negro, inclusive, com descrições de relações sexuais. De fato, o que se demonstrou, tanto pelos exemplos da literatura estrangeira

quanto brasileira, são construções de personagens homoeróticas, em uma perspectiva de constatação de hábitos sexuais diferentes, enfatizando aspectos estereotipados, de afetação, de feminilidade, de pulsão sexual e de alta erotização: identidades em contraponto à “sexualidade chamada normal”, tal qual afirma Mára Faury (1983, p. 91).

Haveria, entretanto, na segunda metade do século XIX, um crescente interesse de discussão da homossexualidade masculina, após o aparecimento dos “poetas malditas franceses”, Baudelaire, Rimbaud e Verlaine, e o escândalo da prisão de Oscar Wilde, condenado por cometer atos imorais (para a sociedade da época), ou seja, por ser homossexual. No começo do século XX, para Mára Faury (1983, p. 93), tem-se uma guinada na tradição ficcional, de até então, que significa um “marco não só na literatura homossexual como na própria história do homossexualismo”, por meio dos escritores franceses André Gide e Marcel Proust. Com eles, o “que antes era considerado depravação e vício passa a ser melhor considerado sob o ponto de vista do Amor” (FAURY, 1983, p. 93). Gide ousou viver sua homossexualidade tanto na literatura quanto para a sociedade, de modo que sua obra refletiria a necessidade de “contar-se”, e que, talvez:

fosse uma busca de identificação com a humanidade. Porque era diferente. Porque sentia diferente e porque se via marginalizado e nada melhor para comunicar-se com os outros do que explicar-se. Sua obra, podemos afirmar, é um canto alegre de defesa do homossexualismo. E é como tal que compreendemos o *Corydon* (FAURY, 1983, p. 93).

Corydon (1920), romance guideano em forma de diálogos, traça o homoerotismo, diferentemente do que se expressava dantes na literatura. Além da defesa, aparece o amor homossexual que “é tão capaz como o outro de abnegação, de sacrifício e de castidade. É um amor que pode também estar estreitamente ligado à honra” (FAURY, 1983, p. 97). Por outro lado, a escrita de Marcel Proust, na concepção da mesma teórica, mostra o “homossexual” como um invertido, que se identifica e quer ser mulher, visão presente em *Sodoma e Gomorra* (1921/22). Tentando explicar tal fato, em *A procura do tempo perdido* (1927), Proust mostra como é difícil para o homossexual viver sua sexualidade “em uma sociedade para a qual ‘estar dentro’ da norma é o principal” (FAURY, 1983, p. 97). Destarte, a jornada da literatura, que é um pouco, também, a da própria sociedade, perpassaria o restante do século XX, com os grandes movimentos de liberação sexual, feminista e gay, em específico, na luta dos anos sessenta e oitenta. Trata-se, por

consequência, do caminho para a compreensão da seara de Caio Fernando Abreu, que ao tematizar a diversidade sexual, rompe com paradigmas discriminatórios: eis a possibilidade de leitura do conto *Aqueles Dois*.

3. Sociedade, sexualidade e homofobia

Com o intuito de investigar as representações da homoafetividade faz-se necessário compreender o que ocorre na sociedade e que as move. Deve-se permear este conceito que se denomina sexualidade, sobremaneira um construto do discurso social. Essa é perspectiva revolucionária do filósofo francês Michel Foucault (1984), que expõe a sexualidade como um nome tardio do século XIX. Para ele, trata-se de um dispositivo histórico e não a “realidade subterrânea”, natural, mas uma superfície social, em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos e o reforço dos controles seguem “grandes estratégias de saber e poder” (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Ao historicizar a sexualidade ocidental, o teórico admite que ela instaura-se como fruto do puritanismo moderno e relaciona-se com parte das ordens religiosa, burguesa e científica. Nesse sentido, concorda Jurandir Freire da Costa (1995, p. 289), para quem a redefinição biológica dos indivíduos como seres originariamente divididos entre dois sexos, é, antes de tudo, uma resposta a interesses sociais, políticos, jurídicos e econômicos. A sexualidade foi, pois, cuidadosamente alicerçada ou, como menciona Foucault (1988, p. 09), encerrada para dentro de casa, confiscada para a seriedade da função de reproduzir e o padrão é a “família conjugal”, o casal legítimo e procriador que dita a lei. Impõe-se o modelo, faz-se a norma que detém a verdade:

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções [...] Assim marcharia com sua lógica capenga a hipocrisia de nossa sociedade burguesa [...] Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar (FOUCAULT, 1988, p. 10).

O casal heterossexual torna-se o limite entre o lícito e o ilícito, o aceito e o não aceito, com a pena de transgressão e castigo. Sua sexualidade é a única legítima e todas as outras teriam quer ser reduzidas a ela (FOUCAULT, 1988, p. 45). Empreendeu-se, então, uma “caça” as “sexualidades periféricas”, sobretudo, à homossexualidade, nos planos jurídico, religioso, ideológico, moral e científico. O homossexual do século XIX, ainda de acordo com Foucault (1988, p. 43), estaria circunscrito a um personagem estereotipado, de determinado passado, infância, caráter, morfologia, anatomia, fisiologia e psicologia: “Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sexualidade”. Para tanto, fez-se imprescindível o papel das ciências médico-psiquiátricas para categorizar, definir, rotular e controlar tudo o que estivesse fora do padrão de normalidade, e o que seria tratado como doença, aberração e anomalia. Não cessariam os trabalhos científicos que se proporam a tal tarefa, seriam abundantes os termos e foi assim, que

a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

Philippe Ariès (1983, p. 75), a esse despeito, pontua que desde o século XVIII e princípios do século XIX, até o dealbar do século XX, o modelo dominante de homossexual seria reconhecido como um travesti, um afeminado, de voz propositalmente fina. Mais do que isso, o homossexual da Idade Média e do *Ancien Régime*, que era considerado a partir de hábitos perversos, passa a ser visto, biologicamente, como um “monstro”, um “anormal” (ARIÈS, 1983, p. 78). O teórico sugere que se somam duas heranças, a da perversidade e a da anomalia. A medicina, a partir do fim do século XVIII, tomaria conta da concepção de homossexualidade, manifestada antes pelo clero, que por sua vez endossava o discurso daquela. A “doença”, no melhor dos casos a enfermidade, era passível de diagnóstico e exame clínico.

Todo esse arsenal cultural, em relação ao homoerotismo, alimentou a homofobia. O homossexual sofreria com o achincalhe, o repúdio, a violência, a prisão, a morte, a segregação e a marginalização, com as diferentes facetas do preconceito. Aliás, Sedgwick (*apud* BONNICI, p. 141, 2007) prefere, ao invés de homofobia, um termo mais abrangente, o “heterossexismo”, que denotaria e incluiria a situação periférica do

homossexual e de qualquer experiência ou identidade sexual, favorecendo uma “norma heterossexual”. O insulto homofóbico pode ir do *bullying*, difamação, injúrias verbais ou gestos e mímicas obscenos mais óbvios até formas mais sutis e disfarçadas, como a falta de cordialidade e a antipatia no convívio social, a insinuação, a ironia ou o sarcasmo, casos em que a vítima tem dificuldade em provar, objetivamente, que a sua honra ou dignidade foram violentadas. Não seria fácil, então, permear um limite de tolerância e convívio.

Segundo Michael Pollak (1983, p. 51), a classificação do homoerotismo entre as perversões, estabelecida no século XIX por R. Von Krafft-Ebling e A. Von Schrenck-Nottzing, manteve sua força até meados da década de mil novecentos e sessenta. A decisão que a Associação Psiquiátrica Americana tomou, em 1974, no sentido de deixar de considerar a relação homoerótica como uma perturbação mental, tornou-se um “ato simbólico que marca a alteração das relações de força entre as diferentes teorias da sexualidade” (POLLAK, 1983, p. 51).

Essa outra etapa, em que a homoafetividade abandona a clandestinidade e o *status* de perversidade, é comentada por Philippe Ariès (1983, p. 79). O estudioso dimensiona que os homossexuais começariam a reivindicar o direito de afirmarem a sua normalidade e, portanto, a ser abertamente como são. Trata-se de uma evolução que os permitiu livrar-se, até certo ponto, do estereótipo de feminização e de poderem assumir a “alteração para um modelo viril” (ARIÈS, 1983, p. 79). Em suma, para Ariès, não mais os médicos, nem os clérigos que fariam da homossexualidade uma categoria à parte, eles próprios buscariam a sua diferença, opondo-se para exigir o seu espaço:

Os homossexuais formam hoje em dia um grupo coerente, certamente ainda marginal, mas que tomou consciência de uma espécie de identidade; reivindica os seus direitos contra uma sociedade dominante que ainda não o aceita [...] É assim que a porta fica aberta à tolerância, até a cumplicidade, impensáveis há trinta anos atrás (ARIÈS, 1983, p. 74).

Thomas Bonnici (2007, p. 142) considera que a marginalização, à qual estavam relegados muitos desses grupos, passou a ser combatida a partir da década de 1970, concomitantemente, às pesquisas sobre os textos homossexuais contemporâneos e aquelas obras literárias nos quais as manifestações homoeróticas poderiam ter sido reprimidas. Houve a postura de teóricos como Foucault e Lacan, que foram fulcrais para estabelecer, atualmente, que a sexualidade é “uma questão de preferência sexual, de linguagem e de

discurso” (BONNICI, 2007, p. 142). Além disso, na concepção do mesmo estudioso, a análise do construto da identidade sexual levou a desvinculação do sexo, pertencente à biologia, do gênero, pertencente à cultura. Emerge o novo aporte teórico, que genericamente recebeu o nome de “Crítica Gay”, em específico, as teorias homossexual, lésbica e *queer*, cada qual, examinando a relação entre gênero e sexualidade.

Nesse percurso histórico, a literatura fez-se presente, ora apenas mostrando, ora panfletando em prol do respeito à homoafetividade. Com a pós-modernidade, parece haver um espaço, outrora inexistente, para escutar os que foram, por muito tempo, silenciados. De fato, o preconceito ainda se mostra feroz, mas encontra-se a resistência empreendida, sobretudo, pelo texto literário, com autores que assumem, com coragem, dentro e fora da escrita: eis onde se encaixa a produção de Caio Fernando Abreu.

4. Aqueles dois sentem, sofrem e são dignos: homoafetividade e respeito

O conto *Aqueles dois* narra, em terceira pessoa, a estória de dois rapazes (de 31 e de 30 anos, respectivamente), Raul e Saul, que começam a trabalhar em uma repartição e, logo, percebem não somente que estão envolvidos amorosamente, mas também sentem que são “diferentes” dos demais, ou assim tratados, por causa de sua sexualidade. Sentem, além disso, que são muito parecidos, devido, principalmente, a uma profunda solidão. Amam-se em segredo, reprimem a homoafetividade para si e para os outros funcionários, durante quase toda a narrativa: porque entrevêm a hostilidade e a exclusão no preconceito velado. Fora do escritório, encontram-se e comungam sedentamente do companheirismo, dos gostos em comum, do sofrer e da angústia de não assumirem o sentimento e o desejo erótico. Não há o conluio sexual ao longo do conto. Toda a ação acontece em aproximadamente um ano. Sofrem com os comentários das “moças” e os outros empregados da firma, até que são demitidos porque o chefe havia recebido cartas anônimas injuriosas, sobre o envolvimento dos dois. Ambos saem do emprego e do prédio com a mesma altivez e dignidade, que foram ressaltadas ao longo da estória.

Diante dessa pequena diegese, pode-se vislumbrar que não interessou a Caio Fernando Abreu, expor e perpetuar um estereótipo de homossexual efeminado e erotizado, nem tampouco a perspectiva do opressor. O narrador posiciona-se ao lado do drama pessoal e interno das duas personagens principais, Raul e Saul, construindo a identidade

desses sujeitos homoafetivos, humanizando-os ao retratar o sofrimento, a solidão, a ânsia de amar e, sobretudo, a angústia de ter de se reprimir, para se defender do preconceito, da homofobia e para assegurar um mínimo de tolerância ao redor. Trata-se de um enredo detalhístico, cuja visão da homoafetividade é alicerçada pela rica intertextualidade (a alusão a filmes, músicas e quadros) e pelas descrições imagéticas que permeiam o lirismo. Empreender-se-á, então, uma análise mais minuciosa desses elementos, para se compreender como eles compactuam com uma perspectiva sensível da homoafetividade e, como tal, atingem o leitor, excitando-o à empatia e ao respeito.

Em um primeiro aspecto, o título oferece alguns subsídios para a interpretação: por que “Aqueles dois” e não, “Esses dois”? O pronome demonstrativo “aquele” sugere não apenas o distanciamento, mas ainda um possível apontamento pejorativo por parte das pessoas em volta. O título parece expressar aquilo que os funcionários da repartição ou as outras pensam, preconcebidamente, como se dissesse: “Olhem, aqueles dois são homossexuais”. Diferentemente seria o uso do pronome “esse” que imprimiria certa proximidade e contato. Analogamente, a presença do subtítulo parece reforçar a intenção de marcar o preconceito circundante e definir o “norte” da narrativa: “História de aparente mediocridade e repressão”. A “aparente mediocridade”, desse modo, será a homofobia, o julgamento heterossexista circundante, cuja manifestação é velada, mas feroz. Por outro lado, o repressor encontra um ser que também se reprime internamente, mas que pode manifestar resistência, como se vê pelas personagens Raul e Saul, pela escrita de Caio Fernando Abreu e de seu posicionamento por meio dela.

A tessitura dessa resistência coaduna-se já à escolha da epígrafe, escrita pelo poeta norte-americano Walt Whitman (1819-1892). Ele é célebre por ser um dos maiores poetas da história literária de seu país e por manifestar sua homossexualidade, celebrando o amor entre os homens, como expresso no excerto da epígrafe: “I say you shall yet the friend you were looking for” (*apud* ABREU, 2005, p. 132). O amor, em questão, não é algo meramente sexual, tal qual a relação homoafetiva tem sido reduzida e estereotipada. No conto e na epígrafe, trata-se da descoberta de um sentimento maior de completude, mas que, pelo fato de ser entre dois homens, estará sob o olhar de censura da sociedade e de seu opressor discurso acerca da sexualidade humana. Então, desde a primeira vez que se vêem, Raul e Saul sabem da sua “diferença”, da condição de exclusão e do cuidado que terão de ter para se assumirem ou lidar com o sentimento:



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Não chegaram a usar as palavras como *especial*, *diferente* ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las [...] Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo às sextas, um cordial bom fim de semana, então (ABREU, 2005, p.132).

O drama da repressão, a qual Raul e Saul se submetem para evitar a rejeição, manifesta-se, também, ao tentarem se esconder em relacionamentos heterossexuais, anteriores: “Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura” (ABREU, 2005, p.132). A clandestinidade de sua sexualidade e, enfim, de suas vidas é uma das faces mais violentas da opressão no homossexual, obrigando-o, por exemplo, a assumir falsos papéis ou relacionamentos para, possivelmente, não frustrar a família, os amigos e os colegas de trabalho. Segundo Michael Pollak (1983, p. 59), o homossexual sofre um severo sentimento de culpa, diante das exigências e da hostilidade que se encontram, sobretudo, no mercado de trabalho. Para o teórico, tais sensações são mais elevadas entre os pequenos empregados, do que com os patrões, uma vez que estão sob uma socialização muito rígida e clara.

Por isso, há tanto em Raul, quanto em Saul, uma solidão abissal, porque, talvez, ela possa ser o “preço” de uma pequena liberdade: a de não serem cobrados a dar satisfações à família e à sociedade; ou a de não serem rechaçados e humilhados; ou talvez, a de não serem rotulados por um termo que não define a complexidade de um ser humano. Nesse sentido, faz-se um paralelo com um depoimento, transcrito por Jurandir Freire da Costa e que foi dado a ele por um de jovem de 32 anos:

Toda minha vida quis que as pessoas ouvissem o que tenho a dizer sobre o que acho que tem valor e importância para mim. Foi impossível. Todos os que encontrei só sabiam ver em mim um homossexual. O que eu sentia, sentia desta ou daquela maneira, porque era homossexual. Me falaram o tempo inteiro de meu jeito homossexual; da minha sensibilidade homossexual; da minha história homossexual; do meu sexo homossexual; de minha tendência homossexual. Dos amigos aos analistas todos, todos, só sabiam dizer: ‘esconda! Mostre!; seja homossexual, não seja homossexual’ (COSTA, 1995, p. 52).

Mas a solidão, de fato, é a marca do sofrer. Ela banha o discurso do conto, na existência desses dois personagens, no que o narrador se refere, repetidas vezes, ser a convivência com um “deserto de almas” (ABREU, 2005, p. 132). Vindos de outras cidades, moravam sozinhos e seus poucos pertences tornam-se fortes símbolos de sua solidão. Raul possuía, como ressalta o narrador, uma gaiola com um pássaro chamado Carlos Gardel, referência a um dos mais conhecidos cantores de tango, a música que Raul tanto aprecia e cantarola. Também tem destaque a reprodução do quadro de Van Gogh, *O quarto de Arles* (1888), que fica pendurado no diminuto quarto de pensão, de Saul. Os desenhos, desse último, costumariam ser apenas rostos, sem íris.

Desse modo, em uma possível leitura, a gaiola simbolizaria o aprisionamento de Raul, tal qual o pássaro solitário Carlos Gardel. Os tangos e “boleros amargos” são referências constantes, do gosto da personagem, e parecem ecoar o lirismo e a solidão ao longo da narrativa, já que são gêneros de música característicos por falar da dor de amar, da saudade e decepções resultantes: “Mas quem cantou foi Raul: Perfídia, La Barca e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, Tú Me Acostumbraste. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim sutil Ilegaste a mí como uma tentación Ilenando de inquietud mi corazón” (ABREU, 2005, p.136). Por sua vez, a reprodução do quadro de Van Gogh refletiria a solidão e o desarraigamento: as duas cadeiras vazias, presentes na obra, parecem estabelecer um intertexto com Raul e Saul, como se fossem lugares que os esperassem ou pertencessem. A própria referência ao pintor Van Gogh dialoga com a inadequação desse artista, dividido entre a loucura, o sofrimento, o desapontamento e a genialidade. O quarto pequenino e apertado, de Saul, imprimiria-se como a clausura de uma vida escondida e solitária. Os olhos sem íris, dos seus desenhos, refletiria a vontade de não ser olhado, censurado. Então, nenhum destes elementos que, constroem a ambientação, são escolhas ao acaso:

Eles não tinham ninguém naquela cidade – de certa forma, também em nenhuma outra -, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro [...] Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sábio na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh (ABREU, 2005, p. 133).

Por seu turno, a construção dos dois personagens é deveras reveladora para a análise da visão de homoafetividade presente no conto. O que temos aí são duas personagens que simbolizam uma “minoría” (entre aspas, já que jamais poderemos precisar se pessoas com tendências homossexuais realmente formam parcela minoritária da sociedade). Dois homens considerados “diferentes” pelos discursos de uma sociedade dita “normal”, que os rotula como homossexuais baseados num ato de generalização que, por sua vez, implica em preconceito e homofobia, como ocorre no local de trabalho das personagens Raul e Saul. A figura caricata que as novelas, os filmes e até a literatura insistiram em representar não correspondem a esses dois, tecidos por Caio Fernando Abreu. O escritor mostra a outra face da moeda, ou seja, que a visão caricata e o preconceito não correspondem à verdadeira realidade das personagens. Raul e Saul têm uma vida normal: trabalham, têm vida social, sonham, sentem-se sozinhos, têm anseios, medos, carências. Enfim, são humanos, e sua sexualidade não os diferencia daqueles que povoam o tal “deserto de almas”, a não ser pela dignidade dos traços, aos quais são representados, diferentemente das pessoas do trabalho que só fazem discriminá-los.

O que Caio Fernando de Abreu faz em seu conto é desmistificar a idéia de anormalidade do homossexual, humanizando os protagonistas, e assim, conseqüentemente, estendendo essa humanização aos que, como eles, têm os mesmos desejos e vivem o mesmo dilema. Antonio Candido refere-se à literatura “como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 804). E ele ainda atesta que a literatura “não ‘corrompe’ nem edifica; portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 806). Quantos leitores deste conto não se identificaram com Raul e Saul, por serem como os mesmos, reprimindo seus desejos ou se auto-condenando? E quantos destes, em algum momento de suas vidas, não se sentiram menos humanos, justamente por sua condição? Antes de qualquer coisa, o próprio autor faz questão de mostrar o quanto as personagens são humanas:

E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, **ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente** (ABREU, 2005, p. 133, grifo nosso).

E pode haver algo mais humano que o sentimento da solidão? Esta é evidenciada no trecho que segue: “Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios” (ABREU, 2005, p. 133). Pessoas como quaisquer outras, inseridas numa rotina diária: “Cruzavam-se, silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas” (ABREU, 2005, p. 134). Vidas feitas de traços que constituem as vidas de qualquer um de nós: “Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas” (ABREU, 2005, p. 135).

E num transbordar de humanidade, o autor nos presenteia com esta belíssima passagem: “Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre” (ABREU, 2005, p. 138). Constata-se aí a necessidade que qualquer ser humano tem de amparo, de suporte, de atenção. Trata-se da carência, que nos move a desejar a presença de alguém que nos faça sentir seguros e protegidos. Fica claro que, para o autor, não se trata de uma relação baseada na atração física, mas o início de uma relação amorosa. Antes de serem homossexuais, Raul e Saul são dois seres humanos, povoados por sentimentos que habitam todo e qualquer ser.

Por meio dessa representação que humaniza as personagens, o autor também derruba a idéia de que no meio homossexual imperam a depravação, a luxúria e a promiscuidade. Ora, o que vemos aqui é uma história regida pelo sentimento mais nobre e puro, o amor. Todo o avançar da relação de Raul e Saul dá-se com extrema sutileza, sem alusões ao sexo, até mesmo porque não houve entre eles qualquer contato sexual durante o longo tempo que compreende a narrativa. A candura da ligação dos dois é visível no trecho que segue:

Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro (ABREU, 2005, p. 138).

O conto convida o leitor a se perguntar: não é mais que óbvio que o amor, puro e despretensioso, também exista entre pessoas do mesmo sexo? A marca de sinceridade e de pureza da conexão entre eles alastra-se por todo o texto. O autor faz com que se sobressaia a beleza desta relação, o que aniquila qualquer possibilidade de uma visão vulgar por parte do leitor menos preparado. O elo que os liga nada tem de promíscuo. Nota-se até mesmo um ar de inocência:

Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café (ABREU, 2005, p. 135).

E o vínculo se fortifica cada vez mais, mantendo o companheirismo e a cordialidade que lhe é característica desde o início da narrativa: “Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo” (ABREU, 2005, p. 137). E de onde provém esta forte ligação alicerçada no respeito mútuo? Seriam Raul e Saul almas gêmeas? No diálogo de Platão (apud , ARANHA; MARTINS, 1993, P. 319) O banquete, Aristófanes relata a existências anterior dos seres, que eram duplos e esféricos dotados três sexos, um constituído por duas metades e o terceiro um ente andrógino. Os seres unos desafiaram Zeus e ele os enfreqüeceram, cortando-os pela metade. Cada qual tornou-se um ser “fendido”. Eis, então, a alegoria para o anseio do homem pela totalidade e retornar, assim, aquela ulterior unidade primitiva. O relacionamento das personagens, em momento algum é permeado pelo erotismo. O que os liga não é uma força carnal, mas o amor, que, desde o contato inaugural, interligou-os de maneira intensa e verdadeira: “Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois” (ABREU, 2005, p. 133). Há ainda outro trecho que reforça esta idéia: “Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra” (ABREU, 2005, p. 132). A própria semelhança dos nomes, Raul e Saul, nomes quase idênticos, remetem-nos a uma idéia de que ambos seriam alma gêmeas. Isso fortalece ainda mais a idéia de imunidade à mácula da promiscuidade, frequentemente ligada à homossexualidade.

Conclui-se, assim, que *Aqueles dois*, além de admirável obra do ponto de vista artístico e estético, é também uma mensagem de tolerância e um convite ao respeito, bem

como um protesto contra o preconceito. Mais que isso, trata-se de uma exaltação não da homossexualidade, mas da igualdade, do amor que pode nascer em quaisquer corações, não importando em que corpos estes corações habitem. Raul, nome que vêm do inglês, e significa “ilustre combatente”, no conto um combatente silencioso do preconceito, que não o confronta diretamente, mas cuja aceitação de sua condição é, por si própria, um brado de protesto. Saul, nome de origem bíblica, e cujo significado é “solicitado”, e que reinou em Israel, é solicitado a ser rei de sua própria história, ativo perante a opressão imposta por uma sociedade preconceituosa.

5. Considerações finais

Que efeitos pode promover no leitor este conto de Caio Fernando? A leitura de um texto tão rico do ponto de vista da humanização poderia dar-se sem deixar marcas no receptor da obra? Cândido afirma que “as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer bombardeio poderoso das obras que lemos e atuam de maneira que não podemos avaliar” (CANDIDO, 1972, p. 805). A leitura de *Aqueles dois*, assim, pode empreender uma profunda reflexão, uma tomada de consciência por parte do público, bem como suscitar questionamentos que trarão benefícios no que tange ao amadurecimento pessoal de cada um, diante do tema abordado. Por fim, destaca-se a idéia de que o autor expressa, nas últimas linhas do derradeiro parágrafo, de que se realmente há algo que diferencia Raul e Saul dos seus companheiros de trabalho (leia-se sociedade), é o significativo fato de que aqueles dois finalmente haviam encontrado um motivo para serem felizes.

6. Referências

ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. *Sexualidades ocidentais*. Lisboa: Contexto, 1983.



BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.

CALLEGARI, Jeanne. *Caio Fernando Abreu – Inventário de um escritor irremediável*. São Paulo: Seoman, 2008.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, 24 (9), set. 1972.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

DIAS, Ellen Mariane da Silva. *Paixões concêntricas: motivação e situações dramáticas recorrentes na obra de Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.

FAURY, Mára Lúcia. *Uma flor para os malditos: a homossexualidade na literatura*. Campinas: Papirus, 1983.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. 14º ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 9º ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no ghetto?. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. *Sexualidades ocidentais*. Lisboa: Contexto, 1983.